

DRÁCULA

ou o Desmortal

a partir da obra de Abraham Stoker



"A RAZÃO É UMA CERQUINHA,
QUE NÃO CONTÉM NEM DE
PERTO A BELEZA FATAL DO
MUNDO"

X





— DRÁCULA —

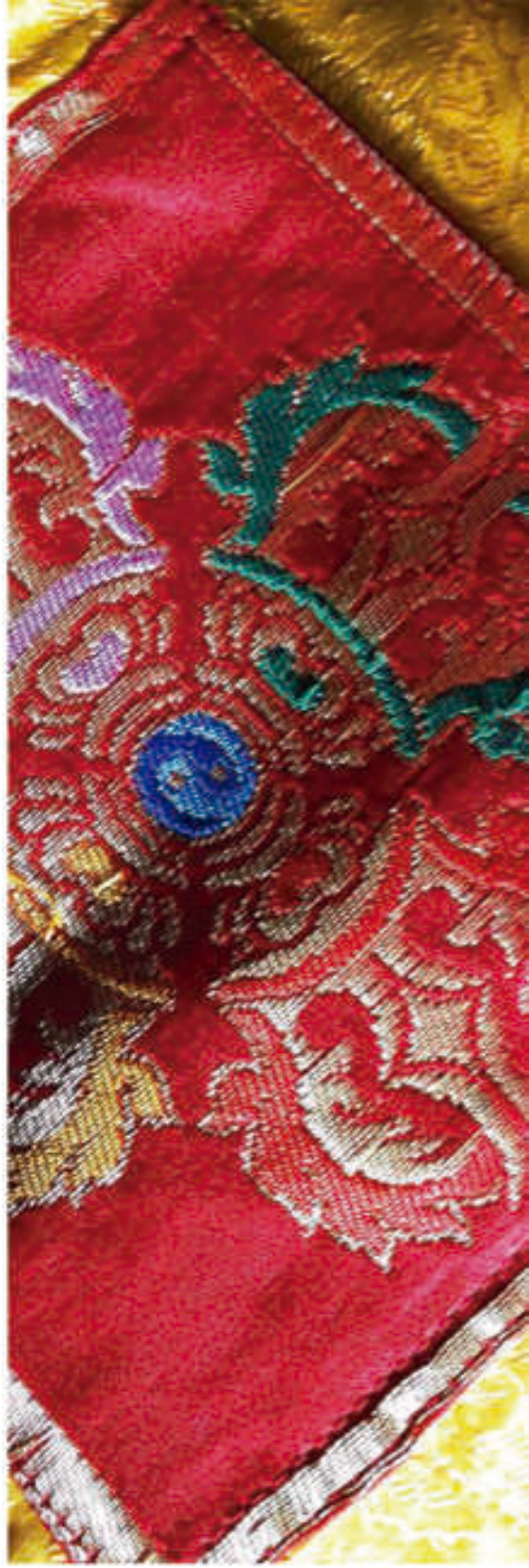
ou o Desmortal

A...Estou aqui há algum tempo já. Não por vontade própria. Fui enviado para cá, para mediar algumas transações. Deixei em casa uma família por construir, noiva, filhos que quero ter, coisas assim, e agora estou aqui, no meio da Transilvânia, na frente da residência do conde Drácula, com quem devo fechar um negócio imobiliário. Passei pelo meio dos lobos, das pequenas luzes flutuantes, das pessoas que me olhavam com terror, **COMO SE eu devesse estar muito preocupado.**

O condutor da charrete que me trouxe até aqui desapareceu. Estou sozinho, na frente dessa espécie de ruína, cujo formato não consigo perceber totalmente. A pequena porta onde eu bati há algum tempo acabou de se abrir, e agora ele está aqui, na minha frente”.

> Alexandre Dal Farra in Drácula ou o Desmortal

Este pano tibetano lacrava o livro de Bram Stoker que chegou ao Soui.



Drácula por que: é um compêndio de saberes, coisa rara na história dos livros, talvez mais comum nestes dias digitais hipertextuais (mas só aparentemente, as informações banalizam-se, boçalizam-se e, sobretudo, polarizam-se em guerras, estúpidas como toda trincheira). Drácula organiza o contraditório, concilia o disparate. É livro múltiplo, como a Bíblia, Dante, Goethe, Shakespeare, Borges. Claro que pouca gente vai embarcar nisso por que o livro foi empacotado para consumo desde sempre, mas com irlandês não se brinca (A Irlanda de Stoker, às margens bárbaras do coração do Império Britânico, é dessas periferias devoradoras de tempo, respeitem, que foi lá que Artaud enlouqueceu). Para muitos o que é sublivro (que já rendeu tanta coisa boa e muito mais coisa ruim em função dele), insisto na cutucação, é primo próximo das Metamorfoses de Ovídio: nada é uma coisa só, tudo é a história das transformações. Esta é já outra razão indispensável do Drácula do Stoker (há, na verdade, vários Dráculas de Stoker, o romance, a peça apócrifa, os capítulos póstumos, mesmo traduções, como a islandesa, que ele provavelmente se dispôs a reescrever no lugar do tradutor). O amigo de Oscar Wilde pilheriava com a realidade moderna: em nenhum momento ele duvida que Drácula exista, e mais: que não morra; duvida mais é dos que duvidam dele, dos que o temem, interessa-lhe mais este medo (o outro, a ameaça, o estrangeiro, a peste, o terror), e o estudo destas razões de medo. Drácula é um livro sobre o medo da razão, e sua profissão de fé que vacila, treme, verga como qualquer crença. Lança mão daquilo que eu jovem, com meu amigo Rauli, em devaneios cristalinos, chamávamos "veneno da razão". A razão se trai, morremos de medo disso: por que a razão é uma cerquinha, que não contém nem de perto a beleza fatal do mundo. A razão quer ver demais e acaba cegando. Outro tema essencial desta obra: uma ode contra o excesso de luz, a favor da ignorância. Mas o que parece melhor integrar o estudo do medo de Stoker, para mim de uma atualidade irresistível, é o medo do Outro. O estrangeiro. A Ameaça. O desconhecido. Drácula é em grande medida uma narrativa sobre a paranoia coletiva. Mas Stoker é mais delicado, mais profundo: não há paranoia que não se antecipe pelo fascínio, encanto, sedução. Só temo aquilo que possa me mover, esta é a verdade. Drácula é em tudo movediço, inabarcável, algo intolerável à profissão de fé racional ocidentalista: não sabemos o que É; homem, fêmea, jovem, velho, gente, bicho, paisagem ou coisa, e mais grave: vivo ou morto. Só sabemos que Drácula É. Não adianta filosofia francesa que disse, a pouco, que Drácula "não que não sendo, é". Drácula é movimento (diriam outros, é uma complexa categoria de Trans). Embaralhamento e encarnação de ontologias para citar o Viveiros de Castro. Por isso não pode ser capturado. Por isso é a peste. A vida. A morte. Essas coisas que não param. Mas Bram Stoker é mais esperto que tudo isso (como duvidar de um homem que sonhou a Transilvânia com minúcia sem jamais

(...)

ter estado lá, coração de geografias móveis? Drácula, diz Stoker, apareceu-lhe todo num sonho, e que desculpem-me os teóricos do sono, mas ele cabe nas nossas mãos). Primeiro por que esse conflito razão x desconhecido, luz x sombra, não é binário, estanque, mas móvel. Farhad Khodabandehlou, filósofo que escreve em francês, mas neste caso para nossa sorte é iraniano (o forasteiro, 'o outro' dessa chave cultural do pensamento), diz-nos, no seu belo livro *Dracula ou la Croisade des temps modernes: essai sur la figure de l'étranger* (dos raros bons; outro é a própria biografia de Stoker, *Something in the Blood* que nos revela maravilhosamente que o vampiro forjado nele vem da sua infância de fome na Irlanda: e é claro isso, Drácula tem a ver sobretudo com Fome! Fome do que quer que seja), diz Khodabandehlou, que Drácula é um romance sobre a dupla viagem desses mundos (Harker a Romênia, Drácula a Londres): a luz cega-se na escuridão, a escuridão desmancha-se na luz, ambos se movem e nada mais é igual. O fato é que na obra de Stoker, meio-irmão de Artaud, insisto, tudo tem seu duplo: seu caráter de inventário de saberes está em duplicá-los: as ciências manicomiais se aproximam das weird sciences (telocinese, premonição, paranormalidade, etc); a psicanálise é mostrada em seus rudimentos opressores, o erotismo, sobretudo feminino, é bestial e místico, os caçadores de vampiros são eles mesmos vampiros uns dos outros, o mal é belo, a beleza é fatal, equações são resolvidas com rezas, o louco é são, os são são cegos, o outro sou eu. Mais do que tudo isso, e antes de tudo, nesta obra que é grande, e geralmente tratada como pequena, o que Drácula traz em seu corpo desmortal é o Tempo. Talvez não haja, em toda literatura, melhor encarnação do tempo imorredouro. Veja bem, não o tempo eterno, que é uma noção metafísica. O tempo como um gesto de vida e morte coabitados. Deu-nos vontade de olhar para trás, para frente, para os lados, para o coração e os olhos do tempo, como quem se encontra, precisamente, na sua encruzilhada: tenho em mim todos os tempos do mundo, eu, cria do mais obsessivo agora, tenho em mim O Tempo. Será possível dizê-lo? Mergulhar nestas águas já é por si um exercício poético. E viva a poesia, pois!

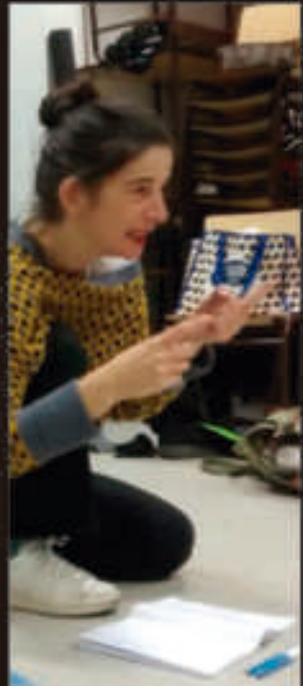
> Thiago Arrais, encenador de Drácula ou o Desmortal

“...**E**sta viagem...Esta viagem foi assim até agora... eu lancei-me a viajar querendo perder-me por caminhos desconhecidos... à procura de um Drácula pelos confins do mundo... e foram os próprios confins do mundo que se puseram a caminho e me bateram à porta e perguntaram: Quem és tu? Eu sou eu, e tu, Jonatahn, podes dizer o mesmo?até agora

A pergunta foi tão exacta e tão desconcertante naquele momento que me obrigou a parar de pensar como eu até ali nunca pensei ou evitava pensar. Os confins do mundo todos os dias me encontravam ao final da noite e acrescentavam para me contar : O diabo apostou-te, Jonathan Harker. Farto de cadáveres, o mal acordou os mortos para se entreter, precisava de um novo desafio à altura desta tua modernidade que prefere rasar os chãos... o diabo não queria um fausto desta vez, queria alguém como tu, Jonathan, alguém sem transcendência, obediente, sem vontade própria, alguém que nunca se perde, mesmo não sabendo o caminho.”

> Patrícia Portela in Drácula ou o Desmortal

"SE PUSERAM A
CAMINHO E ME
BATERAM À PORTA E
PERGUNTARAM:
QUEM ÉS TU?"



Patrícia Portela em sala de ensaio

EXCERTO DE CONVERSAS SOBRE TRAVESSIAS, DEZEMBRO DE 2017, ENTRE ANTUÉRPIA E SÃO PAULO

(...) **S**e eu falasse um pouco da viagem¹¹ eu começaria, por exemplo, pelas intenções iniciais: diria que eu acreditava muito na poesia do poeta marginal², naquele rococó, naquele barroco terrível do poeta marginal². E aquilo me acompanhou muito fortemente na Amazônia.

Eu sempre tive uma impressão meio sombria da Amazônia, ainda que eu gostasse muito de ali estar. Lembro de dizer algumas coisas pra ele nas nossas longas viagens na proa do barco pelo rio: uma delas é que toda beleza é fatal, e essa ideia me interessa; outra eram todas as falas dele sobre O Livro Tibetano dos Mortos, o título já é em si mesmo uma ideia poética e complexa. Mas pra além disso toda aquela coisa em que ele insistia na “morte do ego”. É bonito. A ideia do indivíduo morrendo ali. Mas eu fui muito resistente naquele momento a essa ideia, por que eu estava ali na posição de diretor, de realizador de um trabalho audiovisual³ àquela altura³, tinha uma equipe a meu lado, um mundo novo pela frente, um projeto para construir apoiado pelo Itaú etc etc, então essa ideia da morte do ego me assustava. Hoje, atrevendo-me a falar com as minhas vulnerabilidades todas, eu acho que há uma certa poesia real e consistente nisso. Talvez eu possa respirar um pouco mais essa ideia da morte do ego. A realidade líquida e verde da floresta, e grande e suspensa, aquilo me criava sentidos. Vivi coisas muito bonitas, a missa bárbara, por exemplo, um conceito bonito, feita em Yuareté, a cidade dos índios. É uma missa católica, mas a certa altura entra um cortejo indígena, provavelmente dessana. Eles ritualizam uma espécie de pajelança dentro da igreja. Aquilo pra mim foi bastante impressionante. É um encontro de tradições e que confere vitalidade ao ato religioso: exatamente o mesmo que me impressionou na Romênia. As igrejas me pareceram muito vivas. Enquanto ao invés, as igrejas da Europa ocidental, e também as igrejas brasileiras, são mortas. Na Amazônia eu tinha sempre uma conexão muito grande também com o Fitzcarraldo do Werner Herzog, e toda essa questão das não-fronteiras. Eu acho uma pena ter perdido a personagem do Jonathan Harker Fitzcarraldo, teria sido uma versão mais quixotesca, mais brancaleônica de Jonathan Harker.

(...)

De cima para baixo: Janaina Marcourt, Adriano Cartapácio e Georgia Dielle com o Índio Dessana, Sr. Pedro de Jesus. Fotógrafo Popy Ribeiro e o diretor Thiago Arrais. Coletivo Soul com os moradores da Aduana Colombiana, fronteira com o Brasil. André Moura Lopes com os Índios Hupdas



Sobre a Romênia, como lhe disse, nada me impressionou mais do que as igrejas. Sejam as ortodoxas ou greco-católicas. Me impressionavam muito por tudo. Pela vitalidade, nomeadamente dos ícones medievais. Mas com uma beleza e exuberância que se destaca mesmo muito daquilo a que chamamos de medievo católico ocidental e que chegou no Brasil, mas é outra coisa. Me impressionava muito. Toda a cultura do ícone, aquelas cores. Era deslumbrante a iconóstase, o altar dos ícones. O ícone para mim é como uma imagem que vai saltar. Ou A imagem que pode saltar. É engraçado, remetendo de novo à Amazônia, é como se eu quisesse saltar no rio e ver o que acontecia. O rio é uma coisa muito importante na Amazônia. E as imagens da iconóstase das igrejas romenas me impressionavam da mesma maneira. A ideia de que atrás da iconóstase habita o mistério. Atrás daquele painel tem u uma geografia, um espaço que só o sacerdote pode frequentar. O que há por trás da imagem é um imenso mistério. Não é simplesmente o que está na frente. Isso é muito bonito.

E tem muito a ver, sim, com a conexão muito direta que fiz e nutro pelos pré-rafaelitas e pelos simbolistas. Quando visitamos o Museu Gustave Moreau, em Paris, lembro-me de achar que aquele espaço é a minha igreja. Eu acho que aquele gabinete do Gustave Moreau é feito de uma maneira brilhantemente próxima das igrejas medievais, nomeadamente orientalistas. Aqueles quadros todos são campos de energia que parecem que vão saltar. E isto para mim é a literatura de Carlos Emílio⁴, e é cosmogonia.

(...)

X "COMO UMA IMAGEM QUE VAI SALTAR"



E de volta à Cabeça de Cachorro, me esqueci deste detalhe: a ideia do rio-livro, a ideia das escritas na topografia, e sobretudo na pedra. (me permita o discurso um pouco caracólico, espiralado mas revejo estas conexões todas em conversa consigo e acho que estou sempre falando de uma linguagem que salta. De uma linguagem que ao mesmo tempo é um portal. Por onde se entra, por onde se sai, por onde se projeta à frente, por onde se esconde atrás).

E as igrejas romenas também me impressionavam, dentro desta coisa de serem um espaço vivo, por não terem bancos, todos ali, comungando de pé, seguindo uma ordenação 3D a 360 graus. Você olha pra todos os lugares e há coisas acontecendo a todo momento. A relação dos fiéis com o ícone é completamente viva, tanto é que os ícones são tocados, beijados, em ações que acontecem simultaneamente. É bastante bonito. Aquela coisa da freira ler, naquele objeto que não sei como se chama, em que circulam três ou quatro livros, que ela vai lendo ao mesmo tempo.

Há um aspecto que, acho, ficou bastante diluído na peça, mas que já me interessava na Amazônia, e se confirmou na Romênia, e mesmo em outros deslocamentos: as línguas. A babel das línguas. Era um desejo que vi nas tribos amazônicas, revi na Romênia e vi na própria natureza deste projeto de atravessar fronteiras, de cruzar caminhos, procurar possíveis atalhos para caminharmos juntos, nem sempre lado a lado, nem sempre um à frente do outro, nem sempre na mesma direção.

Portugal... Portugal é o nosso encontro, é a história da construção do encontro de tudo isso.

E que eu me lembre é isso.

>Texto de Thiago Arrais que abre esta peça, originalmente gravação em áudio para Patrícia Portela.



Igreja de Baia Mare.



Iconostase romena



Igreja Greco-Católica de Baia Mare



UMA FALA DE IMPROVISO, NA ABERTURA DA ESTREIA DE DRÁCULA OU O DESMORTAL, EM COIMBRA - NOVEMBRO DE 2017 - ANDY MAWUN/ANDRÉ FEITOSA

Hoje é o feriado da República no Brasil. De manhã, telefonei para minha Avó. De uma praça com a estátua de Camões, eu liguei 800-800-55-0. Naquele aparelho público de Coimbra, eu ouvi o mesmo jingle de espera, através da mesma voz eletrônica da Operadora de Telefonia que, também nas férias escolares de janeiro, intermediava as ligações discadas por uma criança que vivenciava as primeiras saudades por sua Avó. Passaram-se mais de 20, 25 anos desde aqueles telefonemas, porém, vocês já sabem, que, em Coimbra, os eventos levam mais tempo para desaparecer. Minha Avó, uma mulher simples que não entende o que seria o Teatro Moderno, perguntou sobre o espetáculo que hoje apresentaríamos do outro lado do mar, em Portugal. Minha Avó está com noventa e quatro anos, ela é uma preta velha de gestos lentos e repertórios não ocidentais da oralidade. É difícil explicar para minha Avó o que se espera de um fazer contemporâneo nas artes cênicas. Quer dizer, do que se trata esse projeto de arte, realizado em parceria com um teatro acadêmico e diferentes profissionais, no espaço da Universidade de Coimbra, ambientado no século XIX, através das palavras de um irlandês depois emigrado para a Inglaterra, Abraham Stoker. Sobre esse Drácula referido naquela Romênia desenvolvida pela literatura de Stoker, vocês até já escutaram mais do que a minha Avó, embora, talvez, não saibam que, além de uma produção ficcional, hoje em dia já interpretada como um romance que instala esse Drácula nos interesses temáticos do último século, há também uma peça de teatro, encenada a pedido de Stoker para seus colegas, nos dias que antecederam o lançamento do livro. Filhos de uma mesma data, dramaturgia e romance foram publicados em 1887. É um texto que emergiu há 120 anos, uma quantidade de tempo que, deslocada para os limites de ancestralidade em Portugal, torna-se um experimento ainda vago e recente. De toda maneira, nesses últimos 120 anos, vanguardas artísticas sucederam-se na Europa, acumulando reflexões que minha Avó desconhece. Talvez, a questão mais importante que deveria aqui sublinhar, e também o episódio mais difícil para exemplificar na experiência da minha Avó, que é uma mulher formalmente iletrada apesar de interessada nas artes; para ela que nunca concluiu a primeira fase dos seus estudos, como melhor dizer que esse Drácula, elaborado numa peça de teatro, delimita outro campo de investigação sobre as crenças (...)

mágicas da Europa. Parece uma bobagem, aqui de Portugal, afirmar o óbvio que esse Drácula foi escrito e lido por Europeus, tornou-se mundialmente popular com as imagens coletivas dos vampiros na Europa, de modo que, nesses últimos 120 anos, em seu nome, a variedade do Drácula produziu duas mil outras instalações artísticas, algumas delas no suporte do cinema, uma grande variedade de peças de teatro, outras adaptações com formatos acadêmicos, debates e congressos específicos, uma multiplicidade de inspirações literárias, desde poemas à crônicas ou revistas em quadrinho. Enquanto fenômeno tardio da Modernidade Européia, Drácula foi também exportado para as Américas, produzindo, nesse momento atual, os vampiros que brilham no sol e que se dizem amigos de lobos, e, aqui mesmo, no supermercado de Coimbra, eu posso comprar uma boneca vampira, embalada como uma espécime “Monster High” de 1500 anos.

Os Dráculas desse século XXI atualizaram os significados da aristocracia, tornando-se veganos e moralmente responsáveis, sentem dor e culpa quando matam, querem ajudar os dramas humanos com seus poderes incomuns. Este Drácula gourmet não tem nada a ver com aquilo que foi escrito na segunda metade do século XIX. Há muitas maneiras de pensar quem foi este Drácula que, capitalizado nas massas, também elimina a densidade na sua sombra. É preciso alguma cautela para imaginar o que aconteceu. Um primeiro aspecto é que ao falarmos daquele velho Drácula, do ponto de vista histórico, lidamos com uma figura militar romena, chamada Vlad Tepes. Esse herói nacional é o Vlad III, uma vez que existia pai e avô com o mesmo nome. O pai foi incluído na “Ordem dos Dragões”, um coletivo medieval de cavaleiros na Hungria, criado por Sigismundo de Luxemburgo, com o intuito de proteger os reis da Cristandade Católica frente as ameaças dos Árabes. Do Panteão Romeno, Tepesh é um qualitativo, um alcunho que se traduz como “empalador”. Mas esse não é o único sentido para o Drácula, sobretudo aquele do romance, no âmbito da produção artístico-literária, desse homem chamado Abraham Stoker. Aquela figura histórica da Romênia é apenas um elemento desse mistério, dessa zona mais larga de outro discernimento que o século XIX produziu e seus acontecimentos colaterais. Muitos de nós, somos filhos dos vitoriosos daquele século XIX, afinal, já crescemos das revoluções liberais, crescemos nas mudanças sociais que herdaram as conquistas políticas da França, crescemos nas revoltas industriais e religiosas da Inglaterra. Nós pensamos a nosso respeito como indivíduos modernos, capazes de escolha, dotados de autonomia e vontade livre. A questão é que o século XIX também produziu contra-revoluções, mais ou menos três ou quatro movimentos que, no âmbito dessa peça, permitem entender o pano de fundo desse projeto hegemônico da razão moderna. Uma destas manifestações é aquele setor do conhecimento que, no campo da literatura e da filosofia-estética, ficou conhecido como movimento Gótico, uma experimentação das sombras, também um movimento de outras possibilidades com o corpo. Um segundo movimento é aquela faceta ainda hoje denominada de Romântica, qual seja, o tipo de mundo onde se flerta com a morte, com a dor e na entrega voluntária ao obscuro. Havia também um terceiro movimento, não por acaso surgido na Inglaterra e na França, relacionado aos Círculos de Estudos Herméticos e Ocultistas.

Abraham Stoker, escritor daquele romance e dessa peça, pertenceu a esse grupo que, na França produziram pintores, dentre os quais, Gustave Moreau e os simbolistas místicos, e, na Inglaterra, uma tradição crítica nas artes, denominada de pré-rafaelitas.

(...)

Se avançamos quinze anos, até o início da cena intelectual do século XX, dá-se o nascimento mundial da Psicanálise, mediante a interrogação de Freud sobre os conteúdos escuros da alma e o lugar irrefreável do desejo. Será que é plausível impor algo de definitivo sobre este escuro que não enxergamos na maioria do tempo, que gostaríamos de esquecer ou transmutar, ou ainda, no geral dos casos, simplesmente fazer de conta que não existe? O Drácula, de Abraham Stoker, é uma tentativa, um experimento literário do século XIX, para colocar em pauta elementos banidos pela Modernidade, sua Idade da Razão e das Luzes, da nossa média enquanto indivíduos supostamente capazes de extinguir as paixões. Uma perspectiva hegemônica, nesse caso, alude uma narrativa que se pretende fechada, absoluta, coesa, perfeita. Segundo a narrativa única da razão européia, não cabe o que escapa da fronteira da razão e da história. O nosso Drácula é um trabalho produzido nas encruzilhadas. Encruzilhada é uma palavra de significado brasileiro com difícil tradução, ela é tão difícil ou misteriosa, quanto a expressão da saudade em qualquer outra língua. A encruzilhada não é um “cross roads” dos ingleses, ela não é só um “ponto” onde duas linhas convergem ou cruzam-se. A encruzilhada é uma superposição de camadas, de espaços, de camadas, de passagens. Os africanos, seis milhões de africanos quando chegaram forçados ao Brasil, há trezentos anos seqüestrados da África, dentro das ontologias que lhes são particulares, do modo como eles enxergam o mundo, encruzilhadas são portões dimensionais entre tempos, eras e narrativas. O Drácula é uma grande encruzilhada dos europeus. “Drakwlya” é o nome que os romenos deram a este personagem. “Drakwlya” significa o filho do dragão ou a filha do dragão, ou ainda, o filho da dragoa ou a filha da dragoa. Não é por acaso que estamos em Coimbra, onde todos os alamedados das flores nas calçadas trazem dragões fundidos em material de ferro, onde Igrejas tem dragões em mármore e madeira. Desde a chegada dos Alanos e dos Suevos em Coimbra, existem dragões verdes que pairam nessa cidade. O Duque de Coimbra tem um brasão de armas com um Dragão. As portas de vidro da Câmara Municipal de Coimbra trazem impressos de Dragões. Por que será que, dentre as narrativas cosmológicas dos povos e das tribos européias, os dragões sempre estiveram presentes? Por que será que os Dragões foram esquecidos durante quinze séculos? E por que será que os Dragões poderiam retornar, hoje, para o século XXI?

MEU ENCONTRO COM O COLETIVO SOUL NA CABEÇA DO CACHORRO, AMAZÔNIA - BRASIL

Posso com certeza dizer, que meu encontro com o Coletivo Soul foi algo de mágico e cheio de simbologia. Engraçado, que quando eu vi eles e elas pela primeira vez, foi durante uma viagem de barco, saindo de Manaus, com destino São Gabriel da Cachoeira, nas terras indígenas. Eu, missionário católico, nunca tinha visto nas minhas viagens ao logo do Rio Negro, um grupo mais fantasioso, alegre e comprometido com a sua própria missão. Mas naquela viagem, só fiquei observando, entre o cansaço das 30 horas de barco e a curiosidade de saber quem eram aqueles indivíduos.

(...)

Tudo ficou mais claro, quando esse lindo grupo chegou na minha missão de lauretê: com o seu jeito alegre, disponível ao diálogo e com vontade de conhecer o mundo indígena, as suas tradições, cultos, rituais, o Coletivo Soul me cativou desde o primeiro momento. Por isso me coloquei a disposição para qualquer coisa que eles precisassem naqueles dias. Geórgia e Janaína foram as primeiras que aproveitaram (no sentido bom) da minha disponibilidade, pedindo frutas (que no quartel do estava faltando) e eu dando pra elas e para o grupo também café, queijo e outras comidinhas. O dialogo com todos eles nos levou a organizar um jantar com macarronada italiana e muitas risadas e conversas.



O que me fez pensar muito, é que o grupo achou muito interessante o andar superior da casa da nossa missão: lugar escuro, cheio até de morcegos e também de livros antigos e interessantes. Nunca tinha olhado para esse lugar com essa perspectiva....depois daqueles dias, também pra mim esse segundo andar se tornou algo de mais mágico, as vezes simbólico.

Quando eles deixaram lauretê, deixaram um grande vazio na minha missão, e na população toda: eles encontraram centenas de pessoas, gravaram uma parte da história de Drácula lá na nossa terra indígena, conheceram velhos sábios, que ajudaram o grupo para entrar nos mistérios do mundo indígena.

Bom que os nossos contatos continuaram. No verão passado eu voltei pra Itália, minha terra, e em agosto tive a alegria de poder reencontrar o Coletivo Soul em Paris, depois deles terem ficado um bom tempo na Romênia e na Transilvânia. Paris, uma cidade que sozinha é fonte de inspiração para qualquer humano que tenha um pingo de veia artística. Imaginem para esse povo, que respira cultura, arte, teatro todos os dias. O lugar certo para levar pra frente o grande trabalho deles. Fiquei lá só dois dias, mas foram suficientes para entender que, mesmo saindo para um pic-nic em um Parque ou para tomar uma cerveja à noite, o coração e a mente deles nunca se desligavam da obra que estavam formando dias após dias.

Agradeço a Deus por ter conhecido essas pessoas maravilhosas, esses cearenses cheios de talentos e de arte. Quando em outubro em Roma acompanhei André Moura Lopes pelas ruas da Cidade Eterna, para umas gravações, percebi, que o espírito do Coletivo Soul já estava espalhado na Europa toda e que em Coimbra iria acontecer uma experiência maravilhosa, a estreia do Espetáculo sobre Drácula, do Coletivo Soul. Muitas coisas queria ainda escrever, mas quero guardar algo só no meu coração, que seja somente meu: essa amizade, esse exemplo de profissionais e de amantes do teatro e de tudo o que é arte que esse grupo deixou na minha vida. Obrigado!

> **Padre Roberto Cappelletti, salesiano.**



Flore, mulher que vivi na Região de Maramures



UM ENCONTRO COM GHITA OLTEANU, EM MARAMURES, ROMÊNIA.

Essa é a história de um garoto e de uma garota que tinham uma mãe. A garota levava pedra, o garoto trabalhava no campo. E um dia eles foram avisados que a mãe estava morrendo. O garoto quando soube dessa informação disse: “Ah! Mas ela já tá velha, ela tem que morrer mesmo. Deixa-a morrer quieta, vou continuar aqui a vida e o trabalho.” A garota que estava levando pedra imediatamente parou, chorou se levantou e foi em direção a mãe e disse: “Oh! Minha mãe, vim aqui, soube que a senhora estava doente”. A mãe se levantou, com muita alegria, muito radiante e disse pra filha: “Minha filha, eu lhe abençoo e agradeço por você ter vindo”. Eu perdoei seu irmão que não apareceu, mas mesmo que eu o perdoe Deus está sabendo do ato que ele cometeu. Logo que a mãe morre a garota vira uma abelha e o filho se torna uma aranha. A ideia é que as abelhas continuam trabalhando cooperativamente, sendo ajudadas e protegidas. Nunca falta nada pra elas e o garoto está sempre sozinho, solitário, em perigo como uma aranha. A velhinha que ser enterrada debaixo da colmeia, porque as abelhas não só vivem bem umas com as outras protegidas, elas produzem a doçura e o mel, mas elas também fazem cera. Da cera se produz vela, e é da vela que se ilumina as Igrejas. Logo é através das abelhas que se cultua Virgem Maria.

(...) A capital Dácia é uma cidade propositalmente feita dentro da Floresta, longe de tudo e deixa e escondida dentro da Floresta. Ninguém do mundo antigo sabia se chegar em Sarmizegetusa Régia (...) Quando eles encontravam estes homens sujos e feios (...) Eles só usavam ouro na capital Régia (...) Objetos que para os Dácios tinham o poder do Sol (...)

FESTIVALUL
NOPTI DE
SÂNZIENE
24 Iunie

CENTRUL CULTURAL BORȘA

PROGRAM

14:00 - Parada Portului Popular

14:30 - Dechiderea oficială a Festivalului pe scena
Casei de Cultură

14:40 - Ansamblul Tradiții Lăpușnene

15:10 - Ansamblul de la Școala Mircea Vulcănescu din Bărsana

15:30 - Ansamblul Folcloric "Cetina", Vama

16:10 - Grupul "Prislopul" Borșa, Danci Loredan

16:30 - Grupul Vocal "Vesela" al Uniunii Ucrainenilor din
România, Filiala Maramureș

17:00 - Formația Andreea și Grigore Ursu

17:20 - Clasa de vioră condusă de Grigore Ursu

17:30 - Ansamblul "Voievozii" din Bogdan Vodă

18:00 - Silvia Timiș, Bogdan Timiș, Silvia Horj

18:30 - Ansamblul "Junii Moiseiului"

18:50 - Andreea Hojda

19:00 - Ansamblul Agromontana

19:20 - Doina Zaharia, Ileana Roman, Ileana Măndruț

19:45 - Ansamblul "Colibri"

20:10 - Formația Neluța Stângău

20:40 - Grupul Artistic "Colectivo Soul" din Fortaleza Brazilia

21:00 - CONCERT CORINA





Primăria Oraș Oradea
Consiliul Local Oradea
Serviciul Cultural Oradea



Serviciu
Cultural BORȘA



PORT
tradițional
PARADA PORTULUI POPULAR

**FESTIVALUL
NOPTI DE
SÂNZIENE**
24 Iunie
CENTRUL CULTURAL BORȘA

14:00
**PARADA
PORTULUI
POPULAR**

14:30 - 21:00
**REGAL
FOLCLORIC**

21:00 - 22:00
**CONCERT
CORINA**



1101

orasborosa

ZiarMM.ro



A scenic view of the castle of Balduinstein in Germany, perched on a forested hillside overlooking a town and a river. The castle is a large, dark stone structure with multiple towers and spires, situated on a steep, rocky hill. The hillside is covered in dense green and yellow foliage. In the foreground, a town with colorful buildings is visible, and a river flows along the bottom edge of the frame. The sky is overcast with grey clouds.

EM BALDUISTEIN,
ALEMANHA.

X

O contexto da investigação espiritual pela Origem, pelo Escuro e pelo Útero, todos como elementos que também se fazem presentes no imaginário europeu da Dragoa (Tiamat), da Mãe (Pressyne) e da Avó Dragoa (Pressyne), sugere uma relação iniciática de aprendizagem cujos processos antigos de transmissão, em diferentes civilizações modernas, foram perdidos nas substituições políticas do Matriarcado pelo Patriarcado. Segundo as tradições antigas da Ásia, o Divino Feminino, a Mãe (Shakti), a Deusa Primordial tem vários nomes: Lakshmi (Criação), Sarasvati (Proteção), Parvarti (Renovação). Não foi por acaso que, no interior da Alemanha, na pequena vila rural de Balduin-Stein (com 500 habitantes), fomos buscar uma experiência de três dias com a indiana Aama Meera, considerada uma manifestação viva de Shakti.

(...)



Era uma tarde de chuva, estávamos a pé, caminhantes há 25 minutos. A visita é agendada e gratuita. A prática sucede-se em uma atmosfera física de silêncio (campos abertos, no entorno de uma antiga edificação medieval reformada), dentro de um salão naturalmente iluminado. Mãe Meera é uma mulher de quase 60 anos e estatura pequena. Nessa prática de conexão ao sagrado da Deusa Primordial, não há palavras, elaborações ou sentidos. Pacientemente, centenas aguardam sua vez de dirigir-se individualmente à cadeira de Mãe Meera: ajoelhado, você deita a cabeça em reverência aos pés de Shakti e, depois, recebe 3-5 segundos da sua transmissão direta, dos seus olhos para os nossos olhos, da Luz de Paramatma ancorada no seu próprio corpo e expressada no sereno olhar de Mãe Meera. Quando nossa cabeça dirige-se aos seus pés e seus dedos tocam nossa cabeça, durante o processo do “pranam”, ocorre a desobstrução de enodamentos cármicos; depois, o seu olhar, no processo do “darshan”, adentra os espaços da alma percorrendo modos de auxílio, regeneração e transmissão de poder. Ver e ser Visto pela Deusa pode gerar diferentes reações. Entre ajoelhar e levantar, o processo dura 15-20 segundos. Aqui não há fotografias e quaisquer outros ruídos. Cada um retorna vagarosamente para sua cadeira, permanecendo em contato meditativo, apenas seus pensamentos e os efeitos/irradiações do olhar de Mãe Meera infiltrando-se no próprio corpo. O processo é iniciado e concluído em conjunto por todos aqueles na platéia, percorrido integralmente com absoluto silêncio. Em Fortaleza, já há um grupo de reuniões meditativas quinzenais, no mesmo campo de frequência da Mãe Meera. Outras práticas de curas espirituais profundas também devotam fotografias da Mãe em seus altares das respectivas jornadas. Nenhuma busca desse tipo de ancestralidade será apenas cognitiva ou apenas pessoal: há um laço (uma ligação) por ser atualizado em lugares de força... batismo do Cristianismo Ortodoxo na Romênia e darshan da Deusa na Alemanha, por exemplo.

>André Feitosa/Andy Ma un



Ator Evan Teixeira como Bodo Ióio na Floresta de Balduinstein, Alemanha





UM ENCONTRO EM PARIS



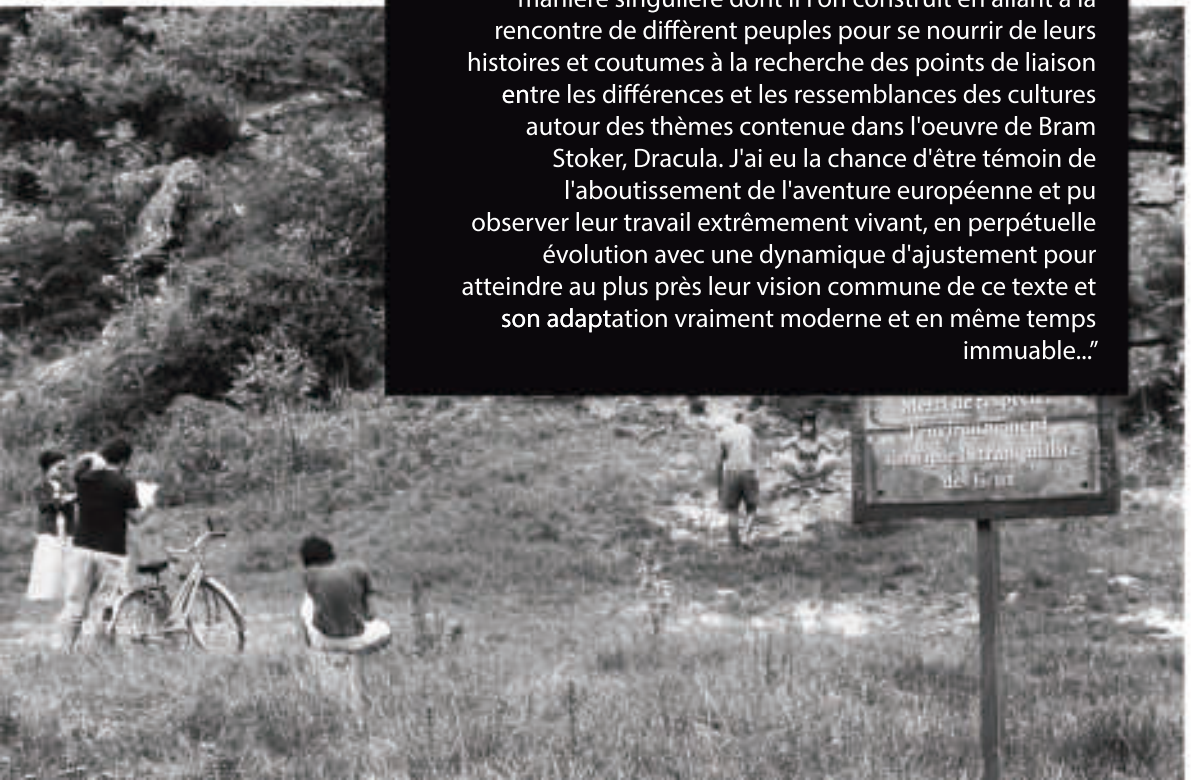


Home • Événements • Nouveautés • Nouveautés 16/17 • Presses • Formation • Contact

DRACULA OR THE UN-DEAD || 08 juillet à 19h

Le 08/07/2017 19:00

“Lorsque j'ai rencontré la troupe de Coletivo Soul à Paris j'ai été séduite par l'énergie solaire de ce groupe relié par la même volonté de vivre avec une spontanéité vivante leur approche théâtrale. J'ai découvert leur projet et la manière singulière dont il l'on construit en allant à la rencontre de différents peuples pour se nourrir de leurs histoires et coutumes à la recherche des points de liaison entre les différences et les ressemblances des cultures autour des thèmes contenues dans l'oeuvre de Bram Stoker, Dracula. J'ai eu la chance d'être témoin de l'aboutissement de l'aventure européenne et pu observer leur travail extrêmement vivant, en perpétuelle évolution avec une dynamique d'ajustement pour atteindre au plus près leur vision commune de ce texte et son adaptation vraiment moderne et en même temps immuable...”





Quando conheci o Coletivo Soul em Paris, fui seduzida pela energia solar deste grupo ligada pelo mesmo desejo de viver com esta espontaneidade vital o seu fazer teatral. Descobri o projeto do grupo e a maneira singular com que foi construído, de ir ao encontro de diferentes povos a fim de se alimentar de suas histórias e costumes em busca dos pontos de conexão entre as diferenças e semelhanças das culturas, em função dos temas contidos na obra de Bram Stoker, Drácula. Tive a oportunidade de testemunhar o corolário da sua aventura europeia e acompanhar seu processo de extrema vitalidade, em perpétua evolução com uma dinâmica de ajuste para alcançar o mais de perto possível uma visão universal deste texto, com sua adaptação realmente moderna e ao mesmo tempo imortal.

> Alice Bethoux, artista visual francesa.



T

A

22 SET ——— 11 NOV

PROJETO EDUCATIVO

ALIAS ABERTAS: FLIC
 SEMINÁRIOS: DASH DÃO CALDEIRAS
 WORKSHOPS: BACA BULIPA



Un-Dead
 — Ocupação
 Soul Portugal

toqv.pt

G

V

UN-DEAD. PARA ALÉM DO BEM E DO MAL EM PORTUGAL

Por Carlos Eduardo Bao

Cientista social. Autor do livro “Fronteiras da italianidade e eurocentrismo: crítica das origens” (Rio de Janeiro: Multifoco, 2017).

E-mail: carloseduardobao@hotmail.com

Ousadia. Uma palavra incontornável para quem deseja ir além. Chamar atenção para outras formas. Estimular novas sensações. Borrar as fronteiras das concepções arraigadas de mundo. Abrir e cruzar mundos. Confundi-los. Confundir-nos. Reestabelecer a incerteza, o imprevisível, imponderado. Sim, a incerteza, pois nossas certezas tem nos enganado, frequentemente gerando a falsa impressão de que chegamos ao fim da história e de que há apenas uma forma de contá-la (a ocidental). Resta-nos a esperança de que algo que escape aos binarismos da modernidade prevaleçam e reformulem nossas representações e sentidos para a existência.

(...)



De cima para baixo, da esquerda para direita: I Encontro Transatlântico de Dramaturgia. Residência Artística em Coimbra, Portugal. Alexandre Dal Farra, Patrícia Portela e Carlota Lagido com o Soul

MUSICAL
CRESCENDO
AUTORAL

INSPIRAÇÃO

NÉÉÉ SHÉÉ ÓÓÓ

NÉÉÉÉÉÉÉÉ

4 tempos

GRAVE PROFUNDO
(GARGANTA)

MAGNO SAI

LÁ - FÔ - NÉ DÉÉÍFIZ

Qui PÔÔÔ TÔ ÔSPILÊRÔ

A LUNA NÔÔXÊ

PÁ - RÁ SÍ BEM QUIRÍ-
CÊ.

"ROMPENDO AS BARREIRAS
SEDIMENTADAS ENTRE VIDA E MORTE"

Em partes, esse é também o drama do Drácula encarnado em un-dead. Peça que tive o prazer em acompanhar o lançamento internacional em Coimbra, realizada pelo Coletivo Soul. Eis um Drácula que não é; está. Que habita todos e todas. Que assume várias formas, rompendo as barreiras sedimentadas entre vida e morte, bem e mau, sagrado e profano, racional e irracional, natural e sobrenatural. Um Drácula que nos faz olhar para dentro e para fora de si mesmos simultaneamente. Que cruza ontologias e solapa a segurança de um mundo que faz sentido, revelando a insignificância da razão perante o significado.

O Drácula de un-dead coloca a Europa cara a cara consigo mesma e aquilo que pretende representar ao mundo: um lugar civilizado, habitado por pessoas ilustradas que pensam e constroem racionalmente a história da humanidade soberana, que supostamente vai da Grécia à modernidade. Nessa Europa asséptica, que procurou higienizar a si e ao mundo por séculos, os desviantes sempre existiram. Julgados a partir de binarismos da cultura ocidental, foram exterminados ou encarcerados ao longo de toda história. Aquela massa indesejável que é incluída no polo negativo dos binarismos. Trata-se dos loucos, das bruxas, dos pagãos, bárbaros, negros e selvagens... Em oposição ao supostamente esclarecidos, às mulheres obedientes, aos cristãos, brancos e civilizados. O que Drácula relembra à Europa são seus próprios demônios, as contingências da realidade que escapam à representação meio cristã meio secular do "mundo civilizado". Relembra que o pensamento binário e racionalista é uma ilusão imposta como norma, e que o mundo não é um uni-verso, mas um pluri-verso. Com toda sua beleza, exuberância, medo e angústia. Com todas suas incertezas e imprevisibilidades.

Imprevisibilidade que se faz viva no palco, encarnada por atrizes e atores competentes que borram, cena após cena, as fronteiras do senso comum, causando certo desconforto. Um desconforto que bagunça para reorganizar. Que embaralha para dar novas cartas, para redefinir e propor outras leituras de mundo, não dualistas. Um Drácula que é e não é; representando uma humanidade que apenas está. Estar que prevalece sobre o ser. Talvez a maior contribuição da peça seja descortinar a visão naturalizada e romântica de uma humanidade puramente racional com o controle sobre si, sobre a história e a natureza, num deslocamento do antropocentrismo que permite revelar a ambivalência da realidade e a multiplicidade da existência.

AGRADECIMENTOS

Sylvia Starshine, Bete Jaguaribe, Fernando Matos de Oliveira e toda a equipe de produção do Teatro Acadêmico de Gil Vicente, Sr. Laurindo, GEFAC – Universidade de Coimbra, Bruno Walter Martins, Ana Paixão, Timis Ion Sorin, Telcean Valer, Sergiu Gabriel Kotorbacs, Izidro Martins, Rui Frati, Claudia Villarroel de Alcântara, aos participantes do processo “Criadores em Cena” (2015), aos participantes do I e II Simpósio Internacional de Práticas Undeads, a toda a equipe do Itaú Cultural, em especial a Galiana Brasil, Carlos Gomes e Jaqueline Vasconcelos, ao Comitê de Avaliadores Rumos Itaú Cultural (2015-2016), Luciano Maia, Paul Diaconescu, Casa da Esquina, Rogério Mesquita, Elmo de Mambrino, Grupo de Estudos da UFC (Pensamento Ameríndio), Victor Colares, Gabriel Basvan, Atila Tahim Ulisses, Diego Landin, Aderbal Nogueira, Miguel Cordeiro, Robson Cruz, aos índios Dessana Sr. Pedro de Jesus e Sr. Herculino e ao Desconhecido.

FICHA TÉCNICA

Apoio: Rumos Itaú Cultural | **Realização:** Coletivo SouL e Ministério da Cultura | **Parcerias:** Teatro Acadêmico de Gil Vicente, Prado Espaço Ruminante, Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), Instituto Federal do Amazonas (IFAM) – Campus São Gabriel da Cachoeira, Coletivo Difusão, Baião de Dois Filmes, Escola Porto Iracema das Artes, Agência de Viagens TerraTUR, Laser Vídeo, Theatro José de Alencar, Instituto Dragão Mar de Arte e Cultura, Secretaria da Cultura do Governo do Estado do Ceará e Becoimbra | **Diretor Geral:** Thiago Arrais | **Dramaturgia:** Patrícia Portela e Alexandre Dal Farra | **Cenografia:** Maíra Ortins (Portugal), Marina de Botas (Brasil) | **Iluminação:** Mafalda Oliveira (Portugal) e Luis Albuquerque (Brasil) | **Figurino:** Carlota Lagido (Portugal) | **Sonoplastia:** Juliano Abramovay (Portugal) e Ivan Timbó (Brasil) | **Produção executiva:** Magno Carvalho | **Produção:** Janaina Marcout, André Feitosa | **Atores/pesquisadores:** Adriano Cartapácio, Georgia Dielle, Janaina Marcout, Magno Carvalho, Evan Teixeira, Edicleison Freitas e Clara Monteiro | **Preparador Vocal:** Evan Teixeira | **Colaborador “Cabeça do Cachorro”:** Erlan Souza | **Consultor “Cabeça do Cachorro”:** Carlos Emilio Correa Lima | **Consultor histórico/estético:** André Feitosa | **Documentarista:** André Moura Lopes e Zhang Qinzhe | **Diretor de Fotografia “Cabeça do Cachorro”:** Popy Ribeiro | **Registro “SouL/Undead – Cabeça do Cachorro” e “I Simpósio de Práticas Undeads”:** Adriano Cartapácio | **Registro “São Gabriel da Cachoeira”:** Danielle Nazareno | **Registro do espetáculo em Coimbra-PT:** Cláudia Morais | **Artista Plástico “O Ovo” e “Logo SouL”:** Diego Landin | **Fotografia da obra “O Ovo”:** Paula Yemanjá Torres | **Designer Gráfico:** Carol Veras | **Programador do Portal SouL/Undead:** Estevão Acioli da Silva | **Assessoria jurídica:** Carlos Mourão



Erlan Souza e Carlos Emilio Corrêa Lima, no lançamento e partilha do projeto Undead, na Escola Porto Iracema das Artes



I SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE

PRÁTICAS UNDEADS

24E25 | FEV | 2016 | 17H

TEATRO DA LIVRARIA CULTURA
(SHOPPING VARANDA MALL, FORTALEZA)

DRÁCULA

ou o Desmortal

APOIO:



PARCERIA:



REALIZAÇÃO:

